



Argumas de Patativa

CENA I CÔCO DO CELULAR

Ambiente externo ao local da apresentação

Personagens

- 1) Cangaceiro e tocador de pandeiro
- 2) Cangaceira

(Os atores vão em direção ao público chamando atenção para dar um recado. Começam a dançar cantando a seguinte musica.)

1) Boa noite! O espetáculo vai começar.
Pode chegar um pouquinho mais perto, vamos se aproximando...

2) É vocês tão muito longe aí...

1) Oche... deixa comigo!
Pode vir mais perto porque ela é feia mas não morde. Bora lá!

2) Mas com dancinha.

1) Sem dancinha...

2) Com dancinha!

1) Sem dancinha...

2) A então pera aí que eu vou chamar o diretor....

(Começam a cantar e dançar)





1 e 2)

Óia aqui, tou avisando
Vê se não vai vacilar
Ocê quando for entrando
Já desliga o celular
Óia aqui, tou avisando
Vê se não vai vacilar
E não encha o nosso saco
Com o maldito celular

1)

Então desliga o celular

2)

Ocês não são brincadeira
Para ator agüentar
Tem gente que fala alto
Outros se danam a espirrar
Tem até os que abrem bala
Mas quer me ver uma vara
É só tocar o celular

1)

Então desliga o celular

2)

E tem cabra tão folgado
Que atende o celular
E ainda diz: “tou no teatro...
Mas nós pode conversar
Que os ator não se incomoda
E essa peça é tão bosta
Que ninguém vai reparar

1)

Então desliga o celular

Os vivente antigamente
Para se comunicar
Não tinham outra maneira
Era obrigado a se encontrar
Pois não tinham inventado
Esse bicho do diabo
Que é o maldito celular

1)

Então desliga o celular

2)

Depois chegou o tambor
E com fogo se fez sinal
Foi telégrafo e teletipo
E o povo a se admirar
Mas o que estraga o teatro
E deixa o artista irado
É o toque do celular

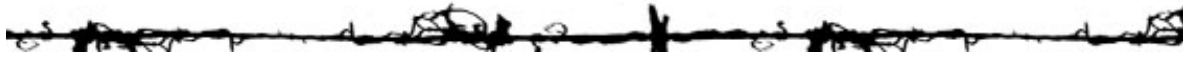
1)

Então desliga o celular

1 e 2)

Óia aqui, tou avisando
Vê se não vai vacilar
Ocê quando for entrando
Já desliga o celular
Óia aqui, tou avisando
Vê se não vai vacilar
E não encha o nosso saco
Com o maldito celular

(2x)



(ao acabar a música)

1) Fui!

2) Então vá...

2) Calma! Espera ae, espera ae...

Não vão pensando que vocês vão entrando assim não!

Não vão entrar agora, não adianta,

Eu vou ficar aqui enrolando um pouco ocs

que ele tá na primeira cena ainda tem que trocar de roupa

2) Eita que foi tá me olhando assim por que?

Eita homem safado!

Se meu marido te pega me olhando assim ele te quebra interinho, viu?

Cada homem sem vergonhento...

2) Oh a outra ali também se rindo toda...

Se eu fosse você ao invés de ficar me encarando...

Achava bom você cuida do teu homem que ele já tava ali
se enrabichando com a outra ali do lado.

Esses homi são fogo!

2) Ai... será que já deu?

Escuta... Vocês tem relógio?

Público) Tem celular.

2) Então desligue o celular!!

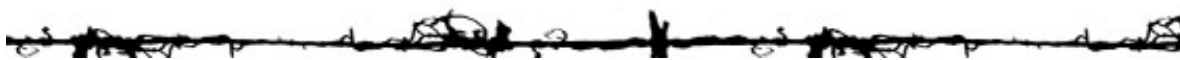
2) E trate de desligar os alarme dos relógios, que nós não queremos escuta o baruío
docês lá dentro não... viu! Acho que já pode liberar a fila aí.

Mas só não vai chegando muito perto não viu!

Principalmente você !!!!

(Saem de cena e é liberada a entrada do público onde já está acontecendo a cena seguinte.)





CENA II

A Morte de Nanã (Manipulação de Bonecos)

Personagens

- 1, 2 e 3) Carpideiras e manipuladores dos bonecos
- 4) tocador de escaleta
- 5) Carpideira

São apresentadas uma seqüência de cenas – um homem pescando, entra uma mulher lavando roupa mais adiante por quem ele se apaixona. Os dois tem uma filha que não tarda passa muita fome devido as condições de miséria. A menina adoece e morre – esta é uma introdução da história do sofrimento do pai de Nanã ao perder a filha tão nova.

1, 2,3 e 4) saem em procissão com o túmulo.





CENA III

A Morte de Nanã

Personagens

- 1) Pai de Nanã
- 2) Carpideira e tocadora de zabumba
- 3) Carpideira e tocador de escaleta

1)
Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dô no meu peito cresce,
Omenta o meu sofrimento
E fico uvindo o lamento
De minha arma dilurida,
Pois é bem triste a sentença
De quem perdeu na isistença
O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,
Mas inriba dêste chão,
Fui o mais afurtunado
De todos fios de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida fia,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

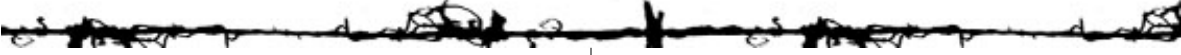
Vendo que não tinha inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me dexou no desengano,
Sem nada mais me arranjà.
Teve que se alimentá
Minha querida Nanã,
No mais penoso matrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.

Quando ela via o angú,
Todo dia demenhã,
Ou mesmo o rôxo bejú
Da goma de mucunã,
Sem a comida querê,
Oiava pro dicumê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,
Quando Nanã me dizia:
Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intêro
E a coitada não comia,
Não brincava no terrêro
Nem cantava de alegria,
Pois a farta de alimento
Acaba o contentamento
Tudo destrói e consome.
Não saía da tipóia
A minha adorada jóia,
Infraquecida de fome.

Eu bejava, com prazê,
Todo dia, demenhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.

Seu cabelo cachiado,
Prêto da cô de viludo.
Nanã era meu tesôro,
Meu diamante, meu ôro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.



Todo dia, todo dia,
Quando eu vortava da roça,
Na mais compreta alegria,
Dento da minha paioça
Minha Nanã eu achava.

Daqueles óio tão lindo
Eu via a luz se apagando
E tudo diminuindo.
Quando eu tava reparando
Os óinho da crinça,
Vinha na minha lembrança
Um candiêro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza
Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem luá,
Eu vi crescê meu desgôsto,
Eu vi crescê meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança
E quando vêi o rompê
Da linda e risonha orora,
Fartava bem pôcas hora
Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Como o seu rosto moiado
Das água do amô materno.

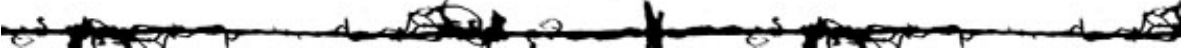
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grande dêste país,
Pois eu era o mais feliz
De todos os fio de Adão.

Mas, nesse mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.

Quando há seca no sertão,
Ao pobre farta feijão,
Farinha, mio e arrôis.
Foi isso o que aconteceu:
A minha fia morreu,
Na sêca de trinta e dois.

Na sua pequena boca
Eu via os laibo tremendo
E, naquela afrição lôca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi regalando pra mim
Os triste óinho seu,
Fêz um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença, papai!”
Fecho os óio e morreu.

Nanã foi, naquele dia,
A Jesus mostrá seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha imaginação,
Caço e não acho espressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a curpa não é de Deus,
A curpa é dos home rico.



Morreu no maió matrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,
Foi o maió assarsino.
O meu anjo pequenino
Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cimitero
E eu hoje me considero
O mais pobre dêste mundo.

Saluçando, pensativo,
Sem consôlo e sem assunto,
Eu sinto que inda tou vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Invorvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Tôda vez que eu vou rezá,
Com meus juêio no chão,
Peço em minhas oração:
Nanã, venha me buscá!

(Carpideiras começam a cantar e apagar as velas)

2 e 3)

Uma inselença, entrou no paraíso
Adeus criança, inté o dia do juizo
Duas inselença, entrou no paraíso
Adeus criança, inté o dia do juizo
...
X inselença...

(Sequencia de sons no escuro)

apito – agogô – apito – agogô – cavalo – agogô – berrante – berrante





CENA IV

Lições de um Cego (Bonecos de Luva)

Personagens

- 1) Narradora, cantadora (C)
- 2) Manipulador de bonecos (A e Z)
- 3) Manipuladora de boneco (E) e cantadora
- 4) tocador de escaleta
- 5) tocadora de pandeiro

Os Bonecos

C-Cantador
A-Abastado
Z-Zé Luís
E-Esposa do Cego Zé Luis

C - Era um cego Zé Luis
De um pensamento profundo
E talvez o mais feliz
Dos cegos do nosso mundo,
Implorava caridade
Pedindo por piedade
Porém ninguém lhe atendia
E ele em vez de entristecer
Por nada ali receber
Constantemente sorria

Sempre ao lado do seu guia
De quando em vez foi não foi
Quando uma esmola pedia,
Chegava logo um perdoi
O guia se encabulando
Exclamava rismungando,
Esmola aqui esta custosa!
Mas o cego Zé Luis
Soltava muito feliz
Uma risada gostosa.

*(entra boneco cego dando risada com sua
cuia, a coloca no telão; chega boneca cega
e pergunta)*

E - O meu veio, já ganhou algum dinheiro?

Z – Calma, minha flor, estou chegando
agora!

E – Então venha me ajudar a carregar as
rendas!

Z – ai ai... como ela é linda!

C- Um cidadão abastado
prestava bem atenção
E ficando admirado
Fez esta interrogação

A- Ceguinho (cidadão se vê sozinho em cena e logo visualiza a cuia do cego)

A- Vamos ver se esse negócio de cego dá dinheiro

(Entra esposa do cego dando-lhe uma bangalada)

E – A curiosidade matou o gato!

Entra cego Zé Luis.

Z - O minha véia calma!

Todos riem da situação. Esposa engasga com a risada e cospe pra frente.

A - Ceguinho tudo escutei

E curioso fiquei

Queira responder a mim

No que você está pensando

Que mesmo nada arranjando

Está tão alegre assim

Z- Digo sorrindo e digo outra vez

Que penso na desigualdade

Neste mundo que Deus fez,

A Mas o que qui isso tem...

Z Calma seu moço!

Eu ontem neste lugar

Muito pude adquirir

Vinham mesmo me entregar

Sem eu precisar pedir,

E hoje no mesmo lugar

Pedindo por compaixão

Só ouço aqui me chegar

Perdoi, perdoi, e perdão

E - Êta povo pão-duro! (dá risada e cospe)

Z - Por isto eu fico sorrindo

Com atenção refletindo

A grande desigualdade

Quem tem deus no pensamento

Encontra divertimento

Até na dificuldade

M – O meu velho eu vou lá dentro cuidar das rendas

Z – Ta bem venha cá! (lhe dá um beijo)

M – Eita velho gostoso!

A- Eu lhe digo obrigado

Por seu esclarecimento

Estou impressionado

Com seu comportamento

Tenho loja, tenho venda,

Tenho mais uma fazenda

E veja como sou

Veja que coisa horrorosa

Minha vaca mais famosa

Veio um ladrão e roubou

(som da vaca, abastado procura)

A- Eu fiquei preocupado

E até já tenho passado

Várias noites sem dormir

Me julgando um infeliz

A - Me diga Zé Luis

Como volto a sorrir?

(Esposa intervém ameaçando bater no abastado)

Z – Ô, minha veia, deixa eu lavar um dedinho de prosa aqui com o seu moço...

E – Está bem, meu veio... (para a platéia)
Êta véio lindo!

Z- Cidadão vá desculpando
Não vá pensar que este riso
Sou eu mangando ou zombando
Do seu grande prejuízo
É que sem vista estou vendo,
Estou vendo e entendendo
Sua compreensão fraca,
De tanta riqueza é dono
E perdes noites de sono
Porque perdeu uma vaca

Eu vou dizer a certeza
Sobre os possuídos seus
O senhor possui riqueza
Mas está faltando Deus
Quem ama deus de verdade
A divina majestade
O senhor da criação
Nosso pai onipotente,
Todo tempo está contente
Não tem preocupação

Na vida nunca pensei
Em loja, dinheiro e gado
Mas ninguém é mais feliz
Do que o cego Zé Luis
Este seu menor criado

C- Escutava o fazendeiro
Se sentindo muito bem
Ele que do seu dinheiro
Não dava esmola a ninguém
Estava tão comovido
Comovido e convertido
Com tudo quanto escutou
Que satisfeito e gentil
Uma nota de cem mil
Nas mãos do cego entregou

*(Abastado fica dançando em cena)
(Abastado entra com uma nota de
dinheiro, e a cega os surpreende
pegando o dinheiro)*

E – Das finanças cuido eu! *(dá uma
risada, engasga e cospe no abastado)*

A- *(se limpando do cuspe)*
O dinheiro, eu lhe entrego e vou
dizendo,
Que nesta hora abençoada
Eu quero ficar sabendo
Onde é sua morada
Onde é que você habita
Vou fazer-lhe visita
Quero ser conhecedor
Conheço e não me confundo
Da escola melhor do mundo
Você é meu professor
(abraça o cego e os dois saem)

C - Depois que deu um abraço
No cego Zé Luis
Saiu aquele ricaço
Se sentindo bem feliz
E de coração tranqüilo
Pensando em tudo aquilo
Que com ele aconteceu
Ele dizia com seus botões
Que iria seguir as lições
Que aquele cego lhe deu

A- Ele que nunca enxergou
Sabe ver o que é verdade
Foi ele quem me ensinou a santa
felicidade
Por isso um plano já fiz
De ajudar a Zé Luis
Se ele muito tem sofrido
Vai melhorar desta vez
Quem fez o que ele já fez
Merece ser protegido

*(começa uma música na escaleta, e é
colocada a venda)*

A- Uma venda, amigo, receba
E quero que perceba
Que isto muito me consola
Porque de hoje em diante
Você é negociante
Não vai mais pedir esmola

(entra a esposa do cego)

E – Viu meu meu véio! Ganhamo um
venda. Vamos comemorar meu povo!
(toca-se uma música e os três dançam)

E – Eita que essa dança me deixou
com um fogo danado! Venha cá, meu veio!
(beija o cego) Eu não disse que ela era
gostoso!! *(ri, engasga e cospe no cantador
que diz:)*

C – Ô, fio d'uma égua!

E - Desculpe, sou cega!

A- E como prova de amigo
Não faltará mais artigo
Na sua propriedade
Com isto que estou falando
Eu estou recompensando
A minha felicidade

C - O cego em nome de Cristo
Agradeceu a bondade
Porque nunca tinha visto
Tanta generosidade
Na sua mercearia
Dava esmola a quem pedia
Enricou bastante breve
Com aquele belo plano
Bem certo pai soberano
Por linhas tortas escreve.



CENA V

Cruzes pela Estrada

Personagens

- 1) Zé Mourão, morador, mãe do morador e patrão.
- 2) Tocadora de violão

Papai, conte a histora daquela cruizinha
tão triste, sózinha,
no pé da ladêra,
com seus braço aberto, chorosa, coitada!
na bêra da istrada,
qui vai pra rebêra.

Me conte o motivo daquilo que vejo,
me faça o desejo,
me faça a vontade.
Pois lá tenho visto muié saluçando
e a cruz infeitando
de reza e sodade.

Papai me arresponda! Me conte, me diga
se a histora é intriga,
o qui foi qui se deu?
Eu vendo a cruizinha, sinto uma cansêra,
no pé da ladêra,
quem foi qui morreu?

- Se é tu nesta vida que mais eu confio,
iscuta, meu fio,
meu fio querido.
Que, imhora eu sintindo uma dô no meu
peito,
eu vou com respeito
fazê teu pidido.

Aquela cruizinha, na bêra da istrada,
qui veve infeitada
cum tanta fulô...
aponta o passado, de um crime de ispanto,
de luto e de pranto,
de raiva e de horrô.

A mão da disgrça só pranta veneno
naquele terreno,
cum feia treição,
ainda no tempo qui eu era minino,
um monstro assarsino
matou Zé Môrão.

O monstro assarsino era um rico patrão.
E o pobre Môrão
Era seu moradô.
Morreu de desgraça, naquele dizerto,
e agora tá perto
de Nosso Sinhô.

Êle era sortêro, rapaiz ainda nôvo
quirido do povo
de nosso sertão.
Repare o motivo da grande caipora
e veja na histora quem tinha razão.
Um ano êle tinha uma roça tão boa
qui arguma pessoa
dizia a brincar:
Quem vê esta roça depressa conhece
qui o dono parece
qui vai se casá.

Na roça bonita feção bagiava,
o mio já tava
criando carôço.
E o rico, soberbo, mandou seu criado
botá todo gado
na roça do môço.

Môirão, com aquilo, ficô cum disgôsto
e munto disposto
saiu sem demora.
Abriu a portêra, correu apressado,
tangeu todo gado
da roça pra fora.

Foi logo falá sôbre aquela questão
e dixe: Patrão,
o sinhô tenha dó,
num queira fazê a minha sorte misquinha,
aquela rocinha
custou meu suó.

Pur Nossa Senhora não bote o seu gado
naquele roçado
qui tanto custô.
E o rico orguiôso, ficô gaguejando,
ficô rismungando
cum grande rancô.

Vortô sem resposta, o rapaz pensativo,
pruquê sem motivo
se achava o patrão.
De cara inrusgada, danado, trumbudo,
zangado, sisudo,
formando questão.

A mãe do agregado, um nervoso sentia,
e sempre dizia:
- Meu fio querido,
saímo, qui o monstro já qué fazê guerra.
Por causa de terra
morreu meu marido.

Meu fio, esta noite, quando eu já durmia,
sonhei qui nós ia
sofrê prijuízo.
E, perto da nossa chupana de páia,
o rasga-mortáia
passô dando aviso.


- Mamãe, eu não posso perdê meu trabaio,
daqui eu num saio,
daqui num me mudo.
Saí sem distino... qui sorte essa nossa!
dexando uma roça
repreta de tudo!

Razão êle tinha, cum tôda certeza,
fazia defesa
do prope roçado.
Porém da viúva, os consêio era certo,
pois tava bem perto
do mau resurtado.

Despois de dez dia, no pé da ladêra,
fazendo trinchêra
de um rompe-gibão,
o Rico Orguioso, bandido, patife,
de tiro de rife,
matô Zé Môirão.

O monstro foi prêso, mas nada sofreu,
arguê m potregueu
sua grande malícia,
pois êle era rico. O maió fazendêro,
cum munto dinhêro,
logrô a justiça.
A pobre viúva, chorando, coitada,
dizia maguada:
“Perdi meu incôsto.”
De tanto pensá no fio defunto
ficô sem assunto,
morreu de disgôsto.

Contei tôda histora, da serra horrorosa,
da morte assombrosa,
de um môço de bem.
Repara, meu fio, quanto é desgraçado
o pobre coitado
qui terra não tem.



Meu fio quirido, tu óia pra cruz
e pede a Jesus,
o maió potretô,
e à Vige Maria, rainha quirida,
pra nunca na vida
tu sê moradô.

CENA VI

Embromação

Personagens

- 1) Cantador e tocador de pandeiro
- 2) Cantadora e contra-regra
- 3) Cantadora e contra-regra

Os atores entram em cena cantando e tocando - enquanto ajeitam o cenário para a cena seguinte – a seguinte musica

1)
Seu rapaz, dona senhora, Desculpe a interrupção
2 e 3) *(repetem)*

1)
E que essa música nós toca, Pra modo de embromação
2 e 3) *(repetem)*

1)
Quando chega essa hora do espetáculo teatral
Tem que mudar o cenário de um modo original
Mas o diretor é fraco e pra tapar esse buraco
Não sabia o que fazer
E botou nois a cantar
Para o público enrolar
E a troca não aparecer

1)
Seu rapaz, dona senhora, Desculpe a interrupção
2 e 3) *(repetem)*

1) Mas agora nois tá pronto pra dar continuação
2 e 3) *(repetem)*



CENA VII

A Maldição do Cercado

Personagens

- 1) Esposa de Jericó, tocadora de triângulo.
- 2) Jericó, tocador de escaleta.
- 3) Vizinho, tocador de zabumba.
- 4) Esposa do vizinho, tocadora de caxixi.

1) Me de Jericó!

2) Tome minha fulo!

1) Jericó, homi de Deus, veja lá! veja lá! : O vizinho andô pegando madeira de nossa cerca!!!

2) (apenas disfarça)

1) Viiiige! Olha lá, Jericó, que descaramento!

Ta faltando outra ripa ali no canto!

2) (fingindo, novamente, que não é com ele)

1) (fula, indo em direção a Jericó)

Seu traste! Tome tenência!

Se arribe desse tamborete e defenda suas popriedade, homi!

2)

Falô cumigo, mia fulô?!?

1)

Não, seu abestado! Tô falando c'usprito santo!

2)

- Intão desculpe interrompê.

1)

Jericó, pois eu já num lhe disse duas vês – num foi uma nem foi três- que o vizinho tá se fartando com nosso cercado, homi?!?

2) (sem se abalar, paternalmente explica)

Mia fia... Deve de sê impressão sua... Saia desse sol, qu'ele tá lhe afetando as idéia...

(virando-se para a platéia)

Sol demais na mulêra é uma consumição arretada...

1) (aperreada e perdendo a paciência)

IMPRESSÃO?!?: mas ta fartando pra mais de três ripa e ontem a cerca tava interinha.

2)

Ah, tava interinha?

Tem foto? Tem rigistro?

1)

Que foto? Que rigistro, seu abestado?!?

JERICÓ: LEVANTE JÁ, E VÁ ZELÁ PELO QUE NOS PRETENCE!!!

2) (abruptamente, se levanta; vai e retorna)

Meusamô...Pense bem...Analise a situação comigo...Eu num posso, anssim...como direi...sem os mais nem os menos, arrumá peleja c'um meu vizinho...Acusá o coitado nas incerteza...Isso pode dá inté processsi por via de discaluniamiento e malfalação...Aí, vem divogado, jugamentchio...Inté indenização por conta da morá e dos bom custuimi pode de ocorrê...

1) (puta das calças)
JERICÓ FRANCISCO DE OLIVEIRA
FRANÇA!!!
NUM SE FAÇA DE GAIATO!

2) (aproximando-se e apoiando a mão no ombro da esposa)
Sabe o que é, mulé...Tinha inté sisquicido...'Cabei de alembrá: é que onti – ou teria sido trasdantonti?-, eu deixei o vizinho pegá umas madêrinha... Depois ele devovi...

1)
E eu dexei ocê dexá???

2) (coçando o queixo)
Vissi...Analisando por esse lado, dexô não!

1)
Pois entonce, homi... Se abolete... Dêxe de sê frôxo e vá lá, vá! Resolva logo isso, que as panela tá no fogo...

2) (pretensamente revoltado e tentando adiar a ação)
FRÔXO, EU?!?
Pois eu lhe pergunto: ocê ia casá c'um macho frôxo, ia?
Se eu fosse um froxo cê ia garra gosto n'eu, hein?!
E ocê por acaso é muié que não sabe iscolhê marido?

1) (caminha em direção à Jericó e gruda enfia a bunda eu sua cara)
Jericó, num se faça de besta...Dêxe de fulerage e mangação e honre as calça que tu veste...

2) (valente)
Pois, eu vô! Ora, se vô!

1) (surpresa)
Ocê vai, vai?!?

2) (imitando o rugido de um leão)
AHH, SE VÔOOOOO!
Que hoje eu inté que tô nas intenção de dá uns bofete em cabra-senvergonhento!

1) (excitada)
VAAAAAIIIIIIII...?

2)
VÔ!Que hoje eu tô com querê de regá pranta com sangue de vizinho forgado!

1) (excitada)
Ocê VAAAAAIIIIIIII...?

2) (cabeça baixa, retornando ao banquinho)
Vô loguin, loguin...Qu'eu tô já acabando a manutenção da gaitinha...

1) (puxando-o pelo braço)
VÁ!
(mãos na cintura e batendo pé no chão)

2) (indo, novamente)
Tá mais que certo! Eu vô!
Eu inté-qui-peg'um-gostcho arretado de um entrevero antes das refeição, que é pra modi abri os apetite, ô se pego...
VIZINHO! Ô, VIZINHO!

(Nesse ponto, após chamar o vizinho, JERICÓ toca curta introdução instrumental do que será o repente que pontuará o “duelo” entre ambos.)

2) BOM DIA Ô, VIZINHO!	1) Jericó, bote macheza nessa sua falação...Pois senão, de noite, tu pode de se esquecer de nossas camaradage...
3) (aproximando-se de maneira beligerante) O QUE FOI, PORRA!	2) (macho) É que eu andei ouvindo uns boato, que vosmicê anda pegando madeira no meu cercado !
2) Êta chapéu bonito.	3) Tu qué sabe?
3) Fale logo!	2) (macho) Quero!
2) (cautelosamente enrolando) Sabe o que é, vizinho...É que ocê sabe que o sol nas mulêra freve os miolo da gente...E que, cu'essa freveção pra lá de danada, os vivente cumeça a vê umas coisa diferente...Umas coisa enganadora, traiçoêra...À moda mirage...O senhor sabe como é o sol do sertão, num sabe?	3) (ameaçador) - Tô pegando mesmo.
3) (mais ameaçador) Sei... Nasci aqui... E daí?!?... Ainda não entendi...	2) (indo embora) - Ah, bom que esses negócio de boato eu num gosto muito... <i>(esposa lhe vira de volta)</i>
2) (tentando dar mais um passo para trás, mas brecado pela esposa) Vizinho... É que....	- Sabe o que é? Por mim num tem probrema, eu inté gostho, mas minha mulé tá aperreada com esse negócio de ocê ficá roubanu madei...
3) (já se aperreando) Homi... Disimbuche, homi...	3 e 4) (indignados) ROBANU!!!
1) (baixinho) Fale, homi de Deus...	(música)
2) (falando rapidamente, em tom baixo e tentando recuar) É que minha esposa pensa por causa das mirage do sol na mulêra que freve os miolo dos vivente que pode ter visto o senhor sem querê – que fique bem entendido, sem ofensa à sua pessoa- levemente pegando umas vara de meu cercado ocasionando, anssim, mesmo que levemente...que, na lonjura, nem pra percebê dá... um embanguelamento precoce dessa minha benfeitoria...	3) (revoltado) VOSMESSÊ DISSE “ROBANU”?!? Ai, valei-me meu padin Padi Ciço, que o punhal de prata vai arrefleti no sol e riscá das venta inté a cintura de alguém que, por acaso, está aqui defronte d'eu! A pexêra fura, mas quem mata é Deus! Lovado seja! Eu inté-qui-peg'um-gostcho arretado de um entrevero antes das refeição, que é pra modi abri os apetite, ô se pego...

1) (entrando na raia)

Opa! Peralá!

Essa fala, aí, é do meu esposo!

Até isso o senhor qué robá?!?

4) (também entrando na raia)

Alto, lá! Alto, lá! Alto, lá!

E quem é essa quenga que acusa o meu esposo de robá?!?

1)

“Quenga” é o seu passado!

Que tu é rapariga, e eu sou mulé honesta e de fino-trato!

4)

“Rapariga” é quem me acusa!

Que quem nunca comeu melado, sempre se lambuza!

1) (indagando à platéia)

Peraí...Mas o que é que esse ditado do melado tem a ver com...

4) (ignorando a pergunta e interrompendo)

Diz que é de fino-trato, não sabe o que é melado, que intilgença animal!

Pois, todo mundo sabe que em casa de ferreiro, espeto de pau!

3) (a Jericó, com cumplicidade)

- Que porra é essa?

2)

- Sei lá...a muié é tua!

Nesse ponto, JERICÓ, sua ESPOSA e o VIZINHO, entreolham-se; fazem expressão de que não entenderam nada e buscam uma resposta nos olhos da platéia.

1)

Bom, mas de encerrá essa peleja; qu’eu tô com panela no fogo e eu esposo é muito do macho e num leva desaforo para casa...

2) (timidamente, interrompendo a esposa)

Menos, minha fulô...Menos...

Muita calma nessa hora....

(à parte)

- As muié conhece os home que tem.

3)

- Muié, tu qué sabe o que essa tua muié é?

2)

num carece de dizê, não...

(à parte)

nunca que eu fui curioso.

3) (fala no ouvido de Jericó)

- Pois eu vô lhe dizê!

2) (revoltado)

- E você acha que vai falá assim da minha mulé?

2), pegando a “sanfona”, “ataca” – novamente- com mais um trecho instrumental.

A melodia toma conta dos quatro personagens, que passam –cada casal em seu lado do cercado- a dançar um desbragado xaxado.

2) (parando de tocar, e dirigindo-se à platéia, amaldiçoa o vizinho)

Olhe lá, meu vizim, findô-se a isportiva
Chegô-se das salivação
Qu'eu vô evocá mestre Patativa
Nuns verso cheim de maldição:

“Deus permita que o safado,
Sem-vergonha e ignorante,
Que roubar, de agora em diante,
Madeira de meu cercado,
Se veja um dia atacado
Com um cancro no toitiço,
Toda espécie de feitiço
Em cima do mesmo caia
E em cada dedo lhe saia
Um olho de panariço...”

3) (entrando na brincadeira)

Ocê vem de Patativa do Assaré
Isso, pra mim, é sopa no mé
Pois invés de ficá ‘maldiçoado
Eu lhe devolvo é Patativa ao quadrado:

“O Santo Deus de Moisés
Lhe mande uma bexiga roxa,
Saia cabrunco na coxa
Cravo na sola dos pés,
Sofra os incômodos cruéis
Da doença hidropisia,
Icterícia e anemia,
Tuberculose e diarreia
E a lepra da morfêia
Seja a sua companhia...”

2) (enfiando os pés pelas mãos)
Deus lhe dê o pinto murcho
Feito macarrão escorrido...
E que fique cego dos óio
e surdo dos ouvidos.
E que as hemorróidas todas....

1) (interrompendo-o, curiosa)
Ó, Jericó?!? E isso lá são verso de Patativa?!?...

2) (se explicando)
Ó, minha fulô de algodão formosa...É que além de lindo, bunitu e joiado, eu tomêim sô poeta e vi por bem não perdê a chance de botá uns caco e ademostrá meu talento pra toda essa gente linda e cherosa...(faz longa e exagerada mesura para a platéia)

3) (faz pequeno comentário e retoma o poema original) PUXA-SACO!...

“Deus lhe dê o reumatismo
Com a sinusite crônica,
E os ataques da bubônica,
Além de quatro picadas
De quatro cobras danadas,
Cada qual a mais cruel
E de veneno fatal:
O urutu e a coral,
Jararaca e cascavel...”

2) (meio abatido, retoma o poema original)
“Eu já perdoei bastante
Os que puderam roubar
Para ninguém censurar
Que sou muito extravagante,”

1) (com vigor, completa a estrofe)
“Mas, de agora em diante,
Ninguém será perdoado!
Deus queira que um cão danado
Um dia morda na cara
De quem roubar uma vara
Na cerca de meu cercado...”

E TENHO DITO! FALEI POUCO, FALEI BEM E NÃO CUSPI EM NINGUÉM!
E JÁ PARA CASA, JERICÓ!
(Casal vizinho sai de cena e Jerico sai carregando a cerca.)



CENA VIII

Cabra da Peste

Personagens

- 1) Dançarino, cantador, tocador de pandeiro.
- 2) Dançarina, cantadora, tocadora de triângulo.
- 3) Dançarina, cantadora, tocadora de zabumba.
- 4) Dançarino, tocador de escaleta.

Ator 1 entra em cena tocando pandeiro e pedindo as palmas do público. Propõe um grito de força de orgulho de ser brasileiro e um a um vão entrando os outros atores e começam a tocar e dançar a música.

Eu sou brasileiro
Eu sou brasileiro! Pois quem é brasileiro
vem comigo lá em cima.
Eu sou brasileiro... tem alguma argentino no
recinto?
Pois quem é brasileiro é com orgulho lá em
cima, vai...

Os quatro entram e gritam: Eu sou
brasileiro!!!

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas nunca esmorece, procura vencê,
Da terra adorada, que a bela cabôca
De riso na bôca zomba no sofrê

Não nego meu sangue, não nego o meu
nome,
Olho para fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

Tem munta beleza minha boa terra,
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.
Por ela eu me acabo, dou a prope vida,
É terra querida do um coração.

Meu berço adorado tem bravo vaquêro
E tem jangadêro que domina o má.
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

(solo escaleta)

Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

Ninguém me desmente, pois, é com certeza,
Quem qué vê beleza vem ao Cariri,
Minha terra amada pissui mais ainda,
A muié mais linda que tem o Brasi.
Terra da jandaia, berço de Iracema,
Dona do poema de Zé de Alencá
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará

Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou Cabra da Peste, sou do Ceará